

A INCLUSÃO DIGITAL e O IMPACTO NA QUALIDADE DE VIDA DOS IDOSOS

Rouseane da Silva Paula Queiroz¹
Ana Beatriz Lima²

RESUMO

O presente trabalho surgiu no contexto da EdUCA – Escola de Extensão da UERN, localizada no Campus Avançado de Natal, no bairro Potengi. A investigação aqui ora apresentada tem o propósito de compreender a relação que os idosos estabelecem com as tecnologias da informação e comunicação (TICs), na EdUCA, a partir das suas motivações, tal como estimar como a participação nos cursos interfere na qualidade de vida e no envelhecimento ativo desses. Para realização da pesquisa assumimos como fundamentos a Praxiologia de Pierre Bourdieu bem como, nos estudos sobre envelhecimento humano (NERI, 2013; PEIXOTO, 2005, PALACIOS, 2004) e nas discussões sobre inclusão digital (PRETTO, 2011, LEVY, 1999). Do ponto de vista metodológico, utilizamos as entrevistas semiestruturadas, bem como a análise categorial de conteúdo do discurso. Identificamos em nossa interpretação, através do software MAXQDA2012 uma maior frequência das seguintes categorias: *conhecimento, relação com a tecnologia e autonomia*. Após análise constatamos que são diversos os benefícios da inclusão digital para os idosos como a melhoria das funções mentais, atividades de lazer, promoção da inclusão social, maior sociabilidade, além das facilidades cotidianas. Tais atividades podem salvar o idoso do isolamento ao qual a sociedade, invariavelmente, o dedica. Esse estudo teve a intenção de demonstrar o impacto que o domínio das tecnologias digitais, portanto, promove na qualidade de vida de adultos e idosos. Sustentamos a premissa de que na vida adulta também é tempo para aprendizagem e desenvolvimento. Enquanto há vida é tempo para aprender, não há tempo certo para ser aprendiz.

Palavras-chave: envelhecimento, desenvolvimento humano, inclusão digital, extensão universitária.

¹ Professora Doutora. Adjunto IV. Campus Natal. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - RN, rouseanepaula@uern.br

² Graduanda em Ciência e Tecnologia. Campus Natal. UERN. Bolsista PIBIC - UERN

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da nação brasileira, a reforma no sistema previdenciário e a conquista da longevidade, em nosso país, é pauta no discurso corrente ao abordarmos a temática velhice no Brasil. Essa realidade cada dia mais expressiva em números demanda a discussão sobre as questões pertinentes ao envelhecimento com qualidade de vida. Palacios (2008) e Neri (2013) ao abordarem aspectos relacionados ao desenvolvimento cognitivo na idade adulta e na velhice, bem como, na aquisição de conhecimentos, como elementos fundamentais para uma melhor qualidade de vida mencionam esses aspectos.

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte localiza-se em Natal, na zona norte da cidade, no bairro Potengi. A escola de Extensão³ consiste num espaço para o oferecimento, de forma regular e contínua, de cursos de extensão, num órgão complementar a Pró-reitoria de Extensão (PROEX). A EdUCA desempenha um papel fundamental para a inclusão social, por meio da oferta dos cursos de extensão, são diversas as modalidades de ensino, desde a inclusão digital à prática de atividades físicas direcionada para esta faixa etária.

Neste contexto, as pessoas pertencentes às camadas populares, são duplamente excluídas, são adultos, em processo de envelhecimento, que estão à margem da sociedade que não tiveram acesso aos bens culturais e simbólicos, ao longo das suas vidas, durante o período laboral, e atualmente compõem uma parcela da população que aumentou expressivamente, nas últimas duas décadas: os idosos.

No século XXI, com o estabelecimento da sociedade informacional, os estudiosos definiram dois tipos de inclusão digital: a espontânea e a induzida. A inclusão espontânea é uma inserção compulsória dos indivíduos na sociedade da informação. Nas metrópoles contemporâneas, vimos acontecer com a chegada dos caixas eletrônicos nos bancos, com a necessidade de aprender a usar *smart cards* em ônibus, o envio de imposto de renda pela internet, votação eletrônica em eleições, o uso de SMS e outros serviços via celular. Já a inclusão induzida, segundo Lemos (2011), é resultado de um trabalho educativo de políticas públicas que visam oportunizar a uma grande parcela da população excluída do

³ No país identificamos Escolas de Extensão nas seguintes instituições: UNICAMP (Universidade de Campinas), UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), UFF (Universidade Federal Fluminense), USP (Universidade do Estado de São Paulo) e a UENF (Universidade Estadual Norte Fluminense).

uso e dos benefícios da sociedade da informação. É o que conhecemos por projetos de inclusão digital.

De acordo com Neri (2013), a velhice impõe receios e restrições, porque implica maior fragilidade e menor probabilidade de sobrevivência. O próprio símbolo usado nos estacionamento da nossa cidade para indicar vaga para idoso remete a dor e a limitação: um idoso apoiado numa bengala, inclinado pra frente. Há uma predominância do modelo biomédico em relação a velhice. Não se discute, continua a autora, a importância de rever as concepções negativas da velhice, é uma fase da vida onde há perdas, mas estão resguardadas possibilidades de desenvolvimento. Provavelmente, isso se deve à crença comum de que as perdas só ocorrem na velhice e os ganhos estão restritos às fases iniciais do desenvolvimento. No entanto, perdas e ganhos ocorrem em todas as etapas da vida do indivíduo. Onde há vida, há desenvolvimento e aprendizagem.

Para Palacios (2004, p. 372) a idade é uma variável vazia. A idade biológica é uma estimativa do lugar em que uma pessoa se encontra em relação ao seu potencial de vida. Tal conceito se relaciona com a saúde biológica e não tanto com a idade cronológica.

A investigação aqui ora apresentada tem o propósito de compreender a relação que os idosos estabelecem com as tecnologias da informação e comunicação (TICs), na EdUCA, a partir das suas motivações, tal como estimar como a participação nos cursos interfere na qualidade de vida e no envelhecimento ativo desses. Como anunciado, inicialmente, o processo de exclusão dos indivíduos que se tornam inativos para o mundo do trabalho: os aposentados é uma das motivações para esta investigação. Em específico, aqueles que se encontram na faixa etária de 45 a 65 anos, melhor dizendo, em processo de envelhecimento.

EdUCA – Escola de Extensão da UERN

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) tem assumido, em cumprimento ao seu Estatuto, o papel de qualificar profissionais nas diferentes áreas do conhecimento, aptos para inserção social e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, bem como, promover a divulgação de conhecimentos que constituem o patrimônio da humanidade (BRASIL, 1997). Consiste ainda na única instituição pública de Ensino Superior localizada na zona norte da cidade do Natal, com alcance para a região metropolitana.

A escola de Extensão⁴ consiste num espaço para o oferecimento, de forma regular e contínua, de cursos de extensão, num órgão complementar a Pró-reitoria de Extensão (PROEX). A cada semestre são ofertadas, via edital, mais de mil vagas em diferentes cursos, de crianças a idosos, em funcionamento nos três turnos. Ao longo do ano há duas entradas via edital, nesta são ofertados quinze cursos diferentes para todas as faixas etárias.

A EdUCA desempenha um papel fundamental para a inclusão social, por meio da oferta dos cursos de extensão, são diversas as modalidades de ensino, desde a inclusão digital à prática de atividades físicas direcionada para esta faixa etária. Observamos que entre todos os alunos é crescente o número de pessoas idosas que envolvidas nas mais diversas atividades da EdUCA. Para realização da pesquisa assumimos como fundamentos a teoria Praxiologia de Pierre Bourdieu, bem como, nos estudos sobre envelhecimento humano (NERI, 2013; PEIXOTO, 2005, PALACIOS, 2004) e nas discussões sobre inclusão digital (PRETTO, 2011).

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Tal pesquisa trata-se de um estudo exploratório desenvolvido com uma abordagem qualitativa. Na pesquisa em questão elegemos o estudo de caso, esse pode definir-se como “exame de um fenômeno específico, tal como um programa, um acontecimento, uma pessoa, uma instituição ou grupo social. O estudo de caso tem uma natureza singular da investigação, é o fato de se situar numa unidade. Nesta investigação está circunscrito a uma das turmas de Inclusão Digital, da EdUCA - Escola de Extensão, ofertada no segundo semestre de 2018, no turno vespertino.

Para coleta de dados utilizamos as entrevistas semiestruturadas com idosos participantes das turmas de Inclusão Digital. “Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais” (BAUER; GASKELL; 2002, p.71). Por esse motivo escolhemos realizar entrevistas porque os sujeitos investigados têm a inclusão digital em comum, e possivelmente, carregam sentidos compartilhados à essa temática. Por isso, escolhemos uma análise que se atém ao sentido,

⁴ No país identificamos Escolas de Extensão nas seguintes instituições: UNICAMP (Universidade de Campinas), UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), UFF (Universidade Federal Fluminense), USP (Universidade do Estado de São Paulo) e a UENF (Universidade Estadual Norte Fluminense).

ao aspecto semântico, em detrimento ao formalismo da língua, como busca descritiva, analítica e interpretativa do sentido.

Para o tratamento dos dados coletados, usaremos a análise categorial de conteúdo material discursivo das entrevistas com o auxílio do software MAXQda2012. A análise de conteúdo assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. “Linguagem, aqui entendida, como uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação”. (FRANCO, p.14).

Do ponto de vista metodológico, elegemos o estudo de caso, numa perspectiva qualitativa, por sua natureza descritiva, a pesquisa descritiva expõe características de determinado grupo, pode definir a natureza e estabelecer correlações. Realizamos, em dois momentos (outubro/2018 e novembro/2018), numa sala de aula do próprio campus, as entrevistas semiestruturadas com os participantes das turmas de Inclusão Digital, para o tratamento dos dados coletados, usamos a análise categorial de conteúdo para a análise do material discursivo das entrevistas.

Num primeiro momento fomos à sala de aula explicamos os objetivos e convidamos à turma a participar voluntariamente desta pesquisa, na aula seguinte, ao término do horário, esperávamos pelos voluntários. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas com som e imagem, realizadas com sete sujeitos de uma das turmas de Inclusão digital.

Participantes:

S01	D. F. F. 62 anos,	Masculino	Ensino médio	Pajuçara
S02	Seu J. S., 57 anos,	Masculino	Ensino médio	Potengi
S03	Dona A. P., 58a	Feminino	Ensino médio	Nsa. Senhora da Apresentação
S04	M. J. 59 anos,	Feminino	Ensino fundamental	Lagoa Azul
S05	Seu J. M, 62 anos,	Masculino	Ensino fundamental incompleto	Gramoré
S06	Seu F. A. T. ,62	Masculino	Ensino médio	Quintas
S07	Seu R. J., 67 anos,	Masculino	Ensino fundamental.	Potengi

Fonte: Tabela 01 elaborada pela autora, 2019.

Antes da realização da entrevista, os participantes foram convidados e orientados quanto a pesquisa e seus objetivos, em seguida, assinaram o TLC (Termo de Livre

Consentimento). Foram convidados a participar alunos, de ambos os sexos, com idade aproximadamente de 60 anos.

A análise de dados e a construção da teoria estão estreitamente interligadas na pesquisa qualitativa. Desse modo, esses pacotes de software são instrumentos para mecanizar tarefas de organização e tratamento dos dados, refere-se a análise interpretativa de dados textuais, mas não são instrumentos para análise dos dados em segmentos de texto indexados. O pré-requisito central para isso é a “codificação”, isto é, a ação de relacionar passagens do texto a categorias que pesquisador desenvolveu para sua análise ou irá desenvolver para o caso específico. (GASKELL; BAUER, 2002). Na nossa análise as falas foram organizadas conforme os objetivos da nossa investigação.

As falas dos sujeitos foram analisadas através do *software* Maxqda 2012, um *software* alemão, que nos auxiliou na criação de categorias que a partir de então chamaremos de códigos.

Da análise geramos a tabela abaixo que apresenta os códigos criados no processo de categorização. A análise através do computador não exige o pesquisador do processo autoral e criativo da pesquisa. As sete entrevistas foram tratadas em seu conteúdo, através desta ferramenta.

Sistema de Códigos	Entrevista - 01	Entrevista - 02	Entrevista - 03	Entrevista - 04	Entrevista - 05	Entrevista - 06	Entrevista - 07	SOMA
Fake news							1	1
Nativos digitais		1					3	4
Família				1	1	1		3
Autonomia	1		1	1	2	1		6
Conhecimento	1	1	2	2	2	1	2	11
Relação com a tecnologia	1	1	1	2		2	6	13
Σ SOMA	3	3	4	6	5	5	12	38

Tabela 02 – Apresentação panorâmica da análise de dados no software MaxQDA 2012.

Na construção das categorias identificamos em nossa interpretação uma maior frequência das seguintes categorias: **conhecimento, relação com a tecnologia e autonomia**. A seguir apresentamos alguns trechos das falas, como vimos na tabela acima, a categoria conhecimento é mencionada 11 (onze) vezes, selecionamos segmentos mais

expressivos seguindo a regra da representatividade de Bardin (2010) que indica que a amostra representa o universo. Assim, apresentamos a seleção abaixo:

CONHECIMENTO

Conhecimento	" eu vim conhecer agora a informática. Porque eu me sentia assim que... É muito difícil mexer com ter o conhecimento de informática. Mas depois que eu comecei fazer o curso... Vai depender muito da gente, sabe?! Porque cada dia você se esforçar mais, você vai ter o conhecimento. É por isso que eu tô gostando... É por isso que eu procurei informática, pra não depender de ninguém. Eu fazer minhas coisas em casa, meus trabalhos, né. É por isso que eu tô gostando demais desse curso. T.
Conhecimento	"Exato. E meus maiores fãs são meus filhos, né. Muita força, porque antes eu nem queria nem saber. Achava que não precisava, que isso era coisa de jovem. Eu pensava assim e até que ela dizia: não, mãe. Venha aprender que é bom. Porque sempre tem, né, é raro uma pessoa não ter hoje um computador em casa, né. Aí eu: não, quero não. Não quero aprender, não. Não tenho cabeça pra isso. E hoje eu sinto uma diferença enorme. E nós temos cabeça sim, e nós somos capaz sim. Por que não? E eu recebo tudo isso, todo dia: não, mainha. Vai ser bom. Nada é, né... Tudo é assim, tudo que a gente vai fazer é com dificuldade. A senhora vai chegar lá." - M. J.
Conhecimento	Logo quando eu falei em casa que eu ia fazer um curso de Informática, eles disseram: ' tu vai pra onde, velho? Vai fazer o quê nessa idade? Porque eu vou tentar, né? Porque o pessoal fica botando a maior dificuldade é por isso que eu morro de pedir a vocês. Aí vamos vê se eu vou aprender, eu tô conhecendo aos poucos. Aí vou mostrar pra eles que véio tem que aprender um dia (...) Que véio tem conhecimento também, é por isso que hoje estou aqui. J.

Nos segmentos apresentados percebemos que esses desejam dominar a informática para atividades cotidianas como consultar o Google Chrome, ler jornais, pagar contas, enviar e-mails ou se comunicar com familiares através de aplicativos, bem como, ter acesso às redes sociais. Identificamos o movimento de busca de conhecimentos, do sair de si, um movimento de superação ante os desafios apresentados socialmente. Segundo Palacios (2004, p. 412) mesmo que a idade adulta seja, de certo modo, o cânone evolutivo de uma espécie, na psicologia não há a rigor algo como um protótipo ou modelo normativo de desenvolvimento. No entanto, o bom senso estabelece juízos de valor: é melhor ser capaz do que incapaz; feliz do que ser infeliz.

No que diz respeito as benesses proporcionadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) nem todas as pessoas conseguiram se inserir nesse novo universo, seja por falta de condição material, por falta de capital cultural, em outras palavras, a falta de acesso ao conhecimento necessário para utilizar esses dispositivos de forma produtiva.

Neste contexto, as pessoas pertencentes às camadas populares, são duplamente excluídas, são adultos, em processo de envelhecimento, que estão à margem da sociedade que não tiveram acesso aos bens culturais e simbólicos, ao longo das suas vidas, durante o período laboral, e atualmente compõem uma parcela da população que aumentou expressivamente⁵, nas últimas duas décadas: os idosos.

No século XXI, com o estabelecimento da sociedade informacional, os estudiosos definiram dois tipos de inclusão digital: a espontânea e a induzida. A inclusão espontânea é uma inserção compulsória dos indivíduos na sociedade da informação. Nas metrópoles contemporâneas, vimos acontecer com a chegada dos caixas eletrônicos nos bancos, com a necessidade de aprender a usar *smart cards* em ônibus, o envio de imposto de renda pela internet, votação eletrônica em eleições, o uso de SMS e outros serviços via celular.

Já a inclusão induzida, segundo Lemos (2011), é resultado de um trabalho educativo de políticas públicas que visam oportunizar a uma grande parcela da população excluída do uso e dos benefícios da sociedade da informação. É o que conhecemos por projetos de inclusão digital.

AUTONOMIA

Isso mesmo, pra aprender, pra não tá dependendo das pessoas, né... Tudo que eu precisava tinha que depender dos filhos, dos netos. Então eu procurei vim aprender pra evitar, ter meu conhecimento." - M.A.

"Logo quando eu falei em casa que ia fazer um curso de informática, eles: Pai, tu vai fazer o quê nessa idade? Eu disse: eu vou tentar, né!? Porque eu peço a vocês, vocês botam a maior dificuldade. Aí por isso que eu não vou depender de vocês. Eu tô conhecendo um pouquinho, né, aos poucos tô conhecendo. Aí eu vou mostrar pra eles. É por isso que eu tô aqui." - J.

Vai me ajudar em muita coisa. Como eu terminei de dizer antes, eu quero fazer texto, fazer carta, escrever, receber tanto no face como no zap, como toda parte da tecnologia, mas eu só vou aprender quando eu desenvolver bastante a parte da informática, fica mais fácil. - R.

⁵ 30,2 milhões de idosos - PNAD /IBGE (2017).

A busca por autonomia surge como resposta às situações de dependência vividas por esses sujeitos, em especial na relação com a família. A superação de falsas crenças é fundamental para a promoção de um tratamento mais coerente da questão da velhice, a educação permanente de pessoas de todas as idades é o instrumento mais adequado para essa finalidade (GATTI, 2006).

Segundo Neri (2017) estudos sistemáticos, assim como observações colhidas em grupos de idosos ou entre famílias revelam que a tendência às imagens negativas da velhice, associadas a enfermidades e ao declínio físico e mental irreversível, à perda da autonomia e ao aumento da dependência. O próprio idoso, ao internalizar as imagens negativas da velhice, pode se tornar dependente ou doente ou simplesmente assumir posturas ou desenvolver comportamentos considerados típicos de idosos.

Acerca da relação com a tecnologia conseguimos constatar que os idosos veem na tecnologia e as ferramentas digitais como algo útil, acreditam que ter o domínio dessas pode trazer benefícios. A inclusão digital para os sujeitos entrevistados trouxe resultados de suma importância para esse segmento, no que diz respeito à qualidade de vida tais como: superação pessoal, obtida por meio dos esforços que esses fazem no decorrer da aprendizagem; o usufruto dos benefícios digitais; integração social por meio do acesso às redes de comunicação. O contato com o computador, formam um recurso de inserção nos núcleos da família, além de contribuir para uma compreensão de superação, a partir do gradativo movimento de inclusão digital proporcionado pelos cursos. Tal como, uma consequente inclusão social e avanço na qualidade de vida desses sujeitos.

Silveira (2010) defende que a tecnologia computacional surgiu como forma de contribuição para redução do isolamento, na estimulação mental e, finalmente, no bem-estar da pessoa idosa, podendo também facilitar o processo de comunicação com parentes ou amigos, aguçando, desta maneira, as relações interpessoais ou promovendo encontro geracionais.

Nos segmentos selecionados encontramos os sujeitos que sofriam zombarias e sentiam-se limitados ao tentar se aproximar do computador em casa, por exemplo, ou por não dominar certos recursos das tecnologias digitais.

RELAÇÃO COM A TECNOLOGIA

Relação com a tecnologia	"Tipo, eu quero procurar um determinado assunto no computador, eu não sabia mexer. Se eu quero fazer um pagamento de uma conta, que eu ainda não sei mexer, mas vou aprender... Tudo isso. Essas coisas aí que a gente procura, né, pra se atualizar e pra acompanhar o desenvolvimento." - M.A.
Relação com a tecnologia	"Pouco. Já mexia. Assim: ligava, desligava. Mas mexia pouco. Se você aprender e não botar em prática, você vai esquecer, né?! Se você parar, enferruja."
Relação com a tecnologia	Mas, depois que você começa, aí você acha que não é esse bicho de sete cabeça, né. Você vai aos pouquinhos e consegue. Não que seja tão fácil, mas consegue." - M.J.

Compreendemos que não basta somente aprender o domínio instrucional da máquina, são necessárias habilidades interpretativas e criativas que por vezes são limitadas pela baixa escolaridade dos sujeitos, e até mesmo pelo grau de letramento desses. De acordo com Piconez (2003, p.3) o Mobral, por exemplo, mostrava que pessoas alfabetizadas por esse movimento estavam, um ano depois, “desalfabetizadas” pois tinham esquecido a ler e a escrever devido a restrita possibilidade de acesso ao uso da leitura e da escrita. Assim, muitos alunos das turmas de Inclusão digital também sentiam dificuldades por não possuir computador pessoal e ter contato com a máquina somente durante as aulas. Há um grupo denominado “terceira idade” que passa a assim ser expressão classificatória de uma categoria social bastante heterogênea. Essa noção mascara uma realidade social em que a heterogeneidade econômica e etária é muito grande. (PEIXOTO, 2003).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Podemos neste ponto do artigo refletir sobre os efeitos dessa inclusão digital para a qualidade de vida desses sujeitos, após padecerem com a inclusão digital espontânea, essa inserção compulsória dos indivíduos na sociedade da informação, traduzida nos seguintes trechos de fala “*Tudo que eu precisava tinha que depender dos filhos, dos netos*” e “*porque eu peço a vocês, vocês botam a maior dificuldade*”. A participação no curso revela um movimento de não permanecer no limite.

Esse movimento demonstra uma das contribuições do curso para a vida desses sujeitos, em conversa informal com o professor do curso esse relatou que tal público era muito esforçado, mas poucos possuíam computador em casa, restringindo seu acesso à máquina somente aos momentos das aulas.

O computador para esses era o segundo maior desafio, o primeiro consistia em sair de casa para estudar a despeito dos comentários e descrédito da família: “*Os filhos não*

queriam nem que eu tocasse no computador, diziam “não, não mexa!” e “Pai, tu vai fazer o quê nessa idade? Eu disse: eu vou tentar, né!?”

O acesso ao conhecimento e a outro espaço relacional revela-se também como um aspecto fundamental para uma melhor qualidade de vida desse sujeito, retratado nas seguintes falas: *“eu preciso conhecer mais alguma coisa desse mundo da informática porque eu era literalmente um ignorante nas novas tecnologias. Hoje eu tô conseguindo assimilar alguma coisa, não tá sendo fácil porque você vem de outra geração. Então, é complicado.”*

A inclusão digital passa a ser compreendida como inclusão social, portanto, fundamental para a qualidade de vida a partir do conceito que a OMS apregoa, esse está vinculado à autoestima pessoal que compreende alguns dos seguintes aspectos: a capacidade funcional, o nível sócio econômico, o estado emocional, a interação social, a atividade intelectual, o autocuidado, o suporte familiar, o estado de saúde, os valores culturais, éticos e religiosos, o estilo de vida, a satisfação com o emprego e/ou com atividades diárias e o ambiente em que se vive.

São diversos os benefícios: melhoria das funções mentais, atividades de lazer promoção da inclusão social além das facilidades cotidianas. Tais atividades podem salvar o idoso do isolamento ao qual a sociedade, invariavelmente, o dedica. Esse estudo teve a intenção de demonstrar o impacto que o domínio das tecnologias digitais, da inclusão digital, portanto, causa entre idosos e adultos em processo de envelhecimento. Sustentamos a premissa de que na vida adulta também é tempo para aprendizagem e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. ESTATUTO DO IDOSO. Lei nº 10.741, Brasília, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra.** Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P. 112-121.

_____. **A Distinção.** Crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2008.

BONILLA, Maria Helena. PRETTO, Nelson de Luca. **Inclusão Digital e polêmicas contemporâneas.** Salvador: EDUFBA, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COMPLEXO CULTURAL DA UERN. Disponível em: <http://proex.uern.br/default.asp?item=ccuern-inicio>. Acesso em: 13/10/2017.

PALACIOS, J. COLL, Cesar. **Desenvolvimento psicológico e educação.** Psicologia Evolutiva 1. Porto Alegre: Artmed, 2004

NERI, Anita Liberalesso et alli. **Saúde, qualidade de vida e velhice.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.